

A outra vaga está entre Brizola e Lula

O interesse dominante, hoje, sobretudo entre os eleitores que ainda não têm em quem votar, é saber quem poderá chegar ao segundo turno. As pesquisas nas duas últimas semanas indicaram uma indefinição generalizada e a possibilidade de uma dança nas primeiras colocações tanto à direita quanto à esquerda. Embora haja quem especule sobre a hipótese de a direita ou a esquerda ocuparem os dois primeiros lugares, dominando assim a decisão, as melhores indicações são pela prevalência da polarização entre as duas correntes e a disputa final entre representantes das duas vertentes de opinião.



A queda de Fernando Collor parece ter sido contida e hoje são pequenos os indícios de que Afif ou Maluf avancem na sua área de maneira avassaladora. O élan do candidato do PL apresentou sinais de amortecimento, o que torna difícil sua caminhada que se alimenta da sua própria progressão e de mais nada. Os impactos sofridos pelo candidato no debate da televisão podem ter afetado seu prestígio eleitoral, mas isso somente novas pesquisas poderão dizer se ocorreu, ou não. Maluf mantém-se na honrosa dianteira em São Paulo, o maior colégio eleitoral e sua área específica de atuação. Falta-lhe contudo empuxo maior nas demais zonas eleitorais e o exame do quadro atual aponta de preferência para uma transferência da sua competição com seu antigo auxiliar Afif Domingos. Ambos parecem destinados a repetir no próximo ano na disputa pelo governo de São Paulo o embate que travam hoje no plano federal. Covas e Lula também poderão estar lá.

À esquerda a disputa entre Brizola e Lula não parece ainda definida. Sabe-se apenas que Covas, o candidato do PSDB, reduziu sua possibilidade de chegar ao segundo turno desde o momento em que ele próprio, na televisão, adiantou que seu partido ainda não se reuniu para decidir o que fazer na etapa final da eleição. Brizola combate em suas frentes. Na primeira, mediante escaramuças de rua conduzidas por suas vanguardas, tenta fixar a idéia de que será ele quem irá enfrentar Collor. Na segunda vai ao confronto com Lula, identificado como o candidato que poderá lhe roubar o papel. A guerra entre PDT e PT parece na atual fase da campanha o ponto crítico da disputa. Brizola tem bases irremovíveis mas Lula parece ter mais mobilidade em todo o país, apresentando expectativa de crescimento nas diversas zonas eleitorais. Afinal um ponto para Brizola: seu decidido apoio a Regina Gordilho contra a máfia da Gaiola de Ouro.

O empresariado e forças afins estariam apreensivos com o crescimento de Lula, tido por eles como o risco maior, muito embora haja quem admita que grupos conservadores estimulam o candidato do PT na esperança de que ele seja adversário menos temível para Fernando Collor do que Brizola. O ex-governador tem sua taxa de periculosidade definida por sua passagem pelo governo de dois estados e, apesar do temperamento que o empurra para o radicalismo, vincula-se a valores mais próximos daqueles que pretendem preservar. Brizola, afinal, é proprietário rural e sabe se compor politicamente com forças que seriam ainda fator de estabilidade social. Já Lula representaria, por suas origens e por sua formação, uma proposta de mudanças que dificilmente seriam contidas pela ação do Congresso e de outros instrumentos de equilíbrio institucional.

Parece provável também que, para o confronto, Lula sensibilizaria camadas mais amplas da população do que Brizola. O protesto contra o governo e o *status-quo* nacional transitaria melhor no PT do que no PDT, embora essa mesma circunstância agravasse a mobilização conservadora e empresarial contra sua vitória. Mas não será a direita que definirá a candidatura que irá prevalecer à esquerda. Brizola ainda dispõe de estímulos mais concretos, a partir das bases irremovíveis do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. Seu grande obstáculo continua a ser São Paulo e em Minas ele teria já os primeiros sinais de estar furando a barreira.

Quanto a Mário Covas surgem sintomas de que o escasso dinamismo da sua campanha afeta suas bases partidárias tal como aconteceu no PMDB e no PFL, partidos que têm se recusado a cobrir as propostas dos seus candidatos. A ala mais à esquerda dos *tucanos* examinaria já a hipótese de passar a apoiar Lula não só pelo pouco crescimento de Covas nas pesquisas como também pela ambigüidade do seu discurso, sobretudo depois do famoso "choque capitalista" que o candidato anunciou em discurso. Ulysses Guimarães, como se sabe, deverá insistir hoje num desentendimento visceral com Sarney e seu governo, coisa que dificilmente conseguirá meter na cabeça dos eleitores. Antes de ir à televisão para afinal apoiar Ulysses, o governador Miguel Arraes esteve com Sarney no Planalto.

Carlos Castello Branco